

Ação Católica

Um tempo uma resposta, um destino

D. Ernesto Sena de Oliveira, bispo auxiliar do cardeal Cerejeira, pediu aos padres Abel Varzim e Manuel Rocha (provenientes das dioceses de Braga e dos Açores), na altura estudantes da Universidade de Lovaina (Bélgica), que elaborassem um projeto de estatutos da Ação Católica. Os referidos sacerdotes interpretaram de forma tão correta o pensamento do episcopado português, que este veio a aprovar o texto por eles redigido. Os dois sacerdotes encontraram na Bélgica uma experiência que correspondia em cheio ao que lhes fora solicitado: a Juventude Operária Católica (JOC), fundada cinco anos antes (1925) pelo Pe. Joseph Cardijn.

O Papa Pio XI foi considerado o pontífice de grande visão que apoiou a experiência do Pe. Joseph Cardijn, que ambicionava a criação de um movimento de massas, por oposição àqueles que se satisfaziam com organizações que formavam simples elites.

Propunha-se que os católicos jovens, mulheres e homens - e, por extensão, crianças -, através de desdobramentos que alguns organismos decidiram implementar, se inscrevessem em movimentos, segundo as vogais A, E, I, O, U. Assim, a letra A referia-se aos agrários, que, por seu turno, eram constituídos por jovens e adultos, em movimentos independentes; a letra E, aos estudantes; a I, aos independentes (no sentido da estrutura social); a O, aos operários; e a U, aos universitários.

Os movimentos de jovens e adultos tinham direções de coordenação geral que nunca interferiram na orientação dos mesmos e que, com o tempo, se foram esbatendo. Essas direções de coordenação recebiam os nomes de Juventude Católica e de Liga Católica. Na cúpula, havia uma Junta Geral,¹ presidida por um bispo, que funcionava em Lisboa. O cardeal-patriarca era o presidente do conjunto da Ação Católica.

Os movimentos especializados tinham direções nacionais. A nível das dioceses, funcionavam as respetivas direções nomeadas pelos prelados diocesanos. Nas paróquias, existiam secções de base. Nos movimentos escolares, as secções funcionavam nas escolas técnicas e nos liceus, e nos movimentos universitários, logicamente, em universidades e escolas superiores. A JOC chegou a ter secções de base em grandes e médias unidades de trabalho.

As direções nacionais possuíam assistentes. Eram sacerdotes nomeados pela Junta Central, em coordenação com a conferência episcopal. Por sua vez, nas escolas, os padres assistentes eram sacerdotes vocacionados para o ensino ou padres que eram também professores. Finalmente, nas paróquias, eram os párocos ou os seus coadjutores que eram os assistentes. Havia paróquias em que os organismos da Ação Católica pura e simplesmente não tinham assistentes, ou por excesso de trabalho dos párocos, ou porque estes não se sentiam vocacionados para tal. Os movimentos mais dinâmicos - como a JOC - dispunham de propagandistas, que eram escolhidos entre os elementos mais válidos e preparados, e que se dirigiam às paróquias para formar ou animar as secções.

A Ação Católica definia-se como «cooperação dos leigos no apostolado hierárquico» (PAULO VI, 1965, n.º 20). Duas grandes preocupações caracterizavam a Ação Católica a formação espiritual/religiosa dos seus membros e a sua inserção no mundo, nos problemas concretos da vida quotidiana. A primeira obtinha-se através de cursos, retiros e recoleções; e



Abel Varzim fala a agrários

¹ NdR: Junta Central da Acção Católica Portuguesa

através de reuniões semanais ou quinzenais, nos movimentos mais ativos (Juventude Agrária Católica (JAC) e Liga Agrária Católica; JOC e Liga Operária Católica).

Decorriam sob a orientação de boletins, que eram elaborados com esse fim, e que obtinham, em geral, a designação de boletins de militantes (para acentuar a diferença entre simples filiados e membros que tinham responsabilidades acrescidas). O P.e Joseph Cardijn, fundador da JOC Internacional, definira o método chamado ver, julgar e agir; e, mais tarde, a revisão de vida.

Outra designação que acentuava a conceção da Ação Católica era o compromisso temporal, que levava os seus membros a comprometerem-se em associações, sindicatos, clubes e outras estruturas da sociedade, em ordem à aplicação da justiça social e à transformação daquela. Em particular entre os membros da JOC, era frequente ouvir a expressão: «O movimento constituiu para mim uma autêntica escola de vida».

Numa sociedade de partido único e de sindicatos únicos, onde a liberdade era escrutinada, esta orientação criava condições para haver choques entre a Igreja e o poder político. Foi o que aconteceu em determinado período, em que Salazar ameaçou inviabilizar a Ação Católica por ingerência no terreno temporal.

O certo é que a Ação Católica, além do trabalho que realizava com as massas, formou autênticas elites, que vieram a manifestar-se particularmente úteis no 25 de Abril de 1974; segundo a sua visão ou tendência, aderiram então a partidos, a associações e aos mais diversos movimentos. A Ação Católica teve o seu período áureo nos anos 50 e 60; depois, conheceu tempos de um certo definhamento.

Em 1953, a Juventude Universitária Católica (JUC) levou a efeito um congresso que reuniu cerca de 500 pessoas. Decorreu no Instituto Superior Técnico e nele participaram personalidades como M.ª de Lurdes Pintasilgo e Adérito Sedas Nunes, sociólogo de relevo, que dirigiu a revista *Análise Social*. O tema discutido, na altura com atualidade especial, foi o das associações académicas. A JUC publicou um jornal com repercussão assinalável no meio universitário: *Encontro*.

É justo considerar também como digno de nota, pelos ecos que teve na vida do país, o Congresso dos Homens Católicos, em cuja organização teve papel de relevo o P.e Abel Varzim.



Direção Geral da LOC c/Abel Varzim

A JOC e a Juventude Operária Católica Feminina, por sua vez, para assinalarem o 20.º aniversário da sua fundação, reuniram, em 1955, um congresso que teve a participação de cerca de 1000 raparigas e raparigas, provenientes de centenas de secções. Constou de uma semana de estudos e de uma peregrinação a Fátima. A primeira discutiu

problemas do mundo do trabalho, e teve a participação de quase todo o episcopado. Na sessão de encerramento, que teve lugar no Pavilhão dos Desportos, que estava completamente cheio, o cardeal Cerejeira proferiu uma frase que ficou célebre, e que foi considerada uma advertência ao poder político: «Tocar na JOC é tocar na Igreja». Em Fátima, conseguiram reunir, entre jocistas e famílias, 30.000 pessoas.

Durante o regime do Estado Novo, diversos membros da Ação Católica integraram o núcleo dos chamados católicos progressistas e participaram em movimentos sediciosos, como a Revolta de Beja e a Revolta da Sé. Após o 25 de Abril, vieram a destacar-se elementos saídos dos movimentos da Ação Católica. É o caso da JUC, de que se pode citar, *e.g.*, M.ª de Lurdes Pintasilgo, que foi primeira-ministra de Portugal, João Salgueiro, ministro das Finanças, e João Bénard da Costa, personalidades de relevo no mundo cultural e cinematográfico. Na JOC podem referir-se os nomes de Manuel Serra, na cena política, e de Manuel Chaparro, jornalista e professor da Universidade de São Paulo (Brasil).

FORUM ABEL VARZIM

Muitos outros quadros adquiriram a sua formação e moldaram o seu carácter na Ação Católica assumiram funções de relevo em estruturas médias e em grandes empresas. O mesmo se diga de assistentes nacionais de organismos que foram escolhidos para membros do episcopado; é o caso de D. Aurélio Granada Escudeiro, assistente da JAC, designado bispo de Angra do Heroísmo, e de D. António dos Reis Rodrigues, assistente da JUC, bispo auxiliar do patriarca de Lisboa.

A Ação Católica foi um grande movimento da Igreja em diversos países do mundo, particularmente na Europa e na América Latina, e também em Portugal.

3

João Gomes

texto extraído do livro:

[“Portugal católico - A beleza na diversidade”](#)
(Círculo de Leitores) (2017)